

Comunicação não-verbal e filmes etnográficos : os movimentos do corpo como património imaterial

Isabel Galhano Rodrigues

Faculdade de Letras da Universidade de Letras

Email: irodrig@letras.up.pt

Resumo

Na interacção face a face, a fala é acompanhada por gestos e por movimentos de várias partes do corpo. Estes dão indicações de sentido, podendo reforçar, completar, contradizer, ou até mesmo substituir as ideias verbalizadas. Além disso, juntamente com a prosódia (variações de altura de tom, intensidade de voz e velocidade da fala), os movimentos de diferentes partes do corpo também informam sobre o estado emocional de cada um dos interactantes, sobre as suas expectativas, sentimentos e atitudes uns para com os outros. Assim, quando alguém indica por exemplo um percurso, pode desenhar a sua orientação e curvatura através do gesto, embora não expresse essas características por palavras. Com base na teoria da Análise Conversacional, que permite demonstrar os possíveis significados e funções conversacionais dos movimentos do corpo que acompanham a fala e o seu papel essencial na transmissão de mensagens, pretende-se chamar a atenção para a importância da sua consideração em filmagens etnográficas.

Palavras-chave:

Comunicação Multimodal; Análise Conversacional; Etnolinguística; Gestos.

Abstract

In face to face interaction speech is accompanied by gestures and movements of several parts of the body. These are important cues to the interpretation of the message intended by the speaker/hearer. They can reinforce, complete, contradict or even substitute verbalized ideas. Furthermore, together with prosody (i.e., variations of tone, intensity and articulation rate), movements of several parts of the body also give information about the emotional state of the interactants, about their expectations, feelings and attitudes towards each other. In this way, whenever someone indicates for instance a path, he can draw its orientation and bends with a gesture, although he does not express these properties in words. Based on the theory of Conversational Analysis, I intend to focus on the importance of speech accompanying body movements in message transmission and to emphasise the necessity of considering them in ethnographic films.

Key words:

Multimodal Communication; Conversation Analysis; Ethnolinguistics; Gestures

Introdução

Na interacção face a face, a fala é acompanhada pela comunicação não-verbal (CNV) (por exemplo, movimentos da cabeça, do tronco, mudanças de orientação do olhar, mímica e gestos), que

dá informações importantes para a descodificação da mensagem e para a interpretação da atitude ou do estado emocional de um interactante (falante ou ouvinte).

Para mostrar a importância da CNV na transmissão de informações, é preciso explicar alguns aspectos teóricos que se prendem com os vários níveis a considerar numa situação de interacção face a face. Aí, deve-se ter em conta a existência não só de um plano semântico, em que os significados tanto podem ser codificados através do canal verbal, como através do canal não-verbal, mas também de um plano funcional, em que certos elementos verbais e não-verbais podem desempenhar funções pragmáticas. Sendo assim, descreverei em primeiro lugar algumas questões ligadas a estes dois planos; após ter passado em revista alguns factos relativos à investigação da CNV, apresentarei uma tipologia dos gestos, indispensável para exemplificar a importância dos mesmos na transmissão de informações. Os diferentes tipos de gestos serão exemplificados com imagens retiradas de filmes. Por último, através de duas pequenas passagens de dois filmes etnográficos, ambas sobre o mesmo tema, chamarei a atenção para os significados e importância de gestos (assim como de movimentos de outras partes do corpo) que acompanham descrições de actividades que implicam o manuseamento de objectos. A partir da observação dos movimentos do corpo neste contexto de filmagens etnográficas, pretendo salientar o papel da CNV na transmissão de informações e alertar para a necessidade de reconhecer que esta modalidade, como parte integrante sistema de língua, constitui um património que reflecte hábitos sociais e tradições culturais.

1. Níveis comunicativos na interacção face a face – funcional e o semântico

Na interacção face a face um interactante usa certos elementos verbais e não-verbais para dar indicações de sentido sobre o modo como a mensagem deve ser entendida pelo(s) parceiro(s) da interacção, sobre a sua atitude relativamente ao que está a dizer; se, como falante, tem a intenção de continuar a falar durante um período de tempo mais longo ou se pretende ceder a vez, se o que se vai seguir é importante ou não; se, como ouvinte, pretende tomar a vez ou apenas emitir sinais de retorno relativamente à vez do falante. Esses elementos verbais e não-verbais são os **sinais conversacionais** (cf. Rodrigues, 1998: 76 segs., 2003: 131 segs.). Os sinais conversacionais podem pertencer aos vários níveis comunicativos que estão presentes numa situação de interacção face a face: ao nível das **emoções**, ao nível das **relações interpessoais**, ao nível dos enunciados, mais concretamente da sua **sequência lógico-argumentativa** e ao nível da **articulação** entre os temas. Nesse sentido, os sinais conversacionais dividem-se em:

- **sinais conversacionais modais** - relacionam-se com o nível das emoções, com o estado de espírito de cada um, as suas expectativas relativamente ao conteúdo do que está a ser dito/feito e a sua atitude relativamente ao(s) parceiro(s) da interacção;
- **sinais conversacionais de alternância de vez** - informam o(s) parceiro(s) sobre as intenções de um interactante desempenhar o papel de falante (reclamando, tomando ou mantendo a vez) ou de ouvinte (cedendo a vez ou emitindo sinais de acordo ou de desacordo com o falante);

- **sinais conversacionais interactivos** – fornecem indicações sobre o desenvolvimento temático (relações lógico-argumentativas entre os enunciados);
- **sinais conversacionais topográficos** – dão pistas importantes sobre a interligação entre partes do discurso.

Estes quatro grupos subdividem-se ainda de acordo com funções mais específicas, como consta da figura 1.

Formalmente, os sinais conversacionais tanto podem ser verbais – frases, elementos lexicais, não-lexicais (pausas cheias, partes de palavras ou partes de frases), características prosódicas (altura de tom, intensidade da voz e velocidade da fala) -, como não-verbais – movimentos da cabeça, do tronco, dos braços e mãos, pernas, orientação do olhar e mímica. Qualquer um destes sinais verbais e não-verbais pode desempenhar simultaneamente funções a cada um dos níveis atrás referidos, por outras palavras, são polifuncionais.

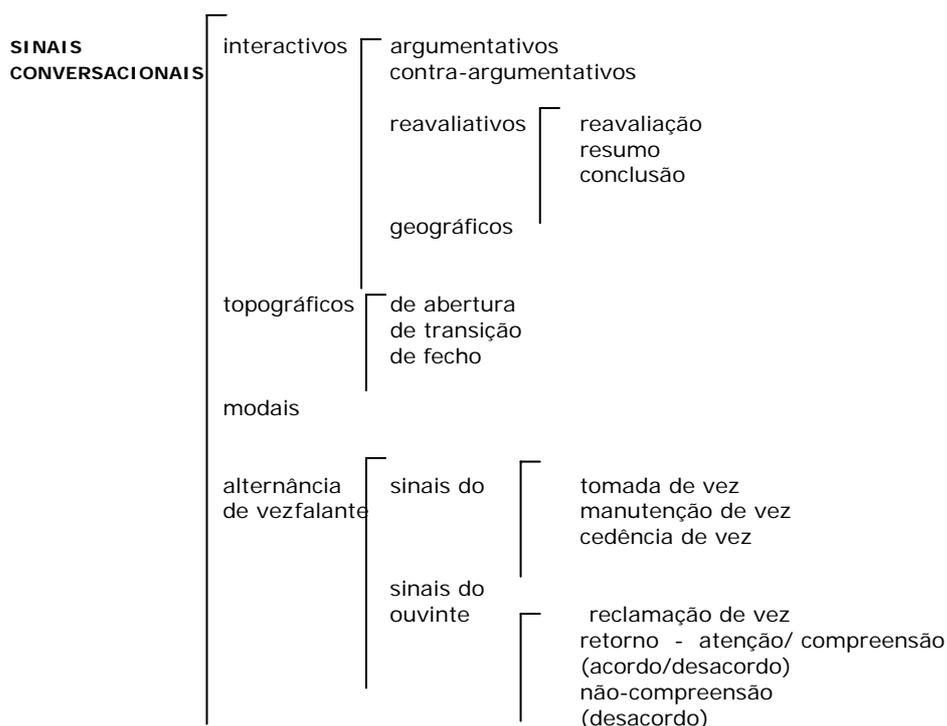


Figura 1: Classificação dos **sinais conversacionais** (cf. Rodrigues, 1998: 79).

Um exemplo da realização simultânea de vários sinais conversacionais verbais e não-verbais é uma terminação de frase com entoação descendente (sinal topográfico de fecho); a orientação simultânea do olhar para cima, indicando que o falante continua a estruturar o seu pensamento e que pretende continuar a vez, é um sinal topográfico de abertura. Por isso, esse mesmo desvio do olhar funciona também como um sinal de manutenção de vez.

Como já referi, além do plano das funções, pode-se considerar o plano semântico, ou seja, o que se relaciona com as ideias contidas na mensagem, esta por sua vez, veiculada pelos canais verbal e não-verbal. No que diz respeito à relação entre os significados expressos verbalmente e os que são conotados pelos gestos, pode-se dizer que estes últimos podem **reforçar, completar, contradizer** a

mensagem verbal, outros são mesmo susceptíveis de a **substituir** (é o caso dos gestos emblemáticos, cf. 3.2).

Veja-se o seguinte exemplo: quando alguém pretende qualificar algo de “pequeno”, pode servir-se tanto da prosódia – usando um tom de voz mais agudo e elevando a altura de tom –, como do corpo – curvando os ombros para a frente, para diminuir a envergadura, cerrando os olhos, para reduzir a abertura, e fazendo um gesto de pinça, i.e., colocando o polegar perto do indicador esticado, marcando uma distância curta, ou fazendo outro gesto qualquer cujas características morfológicas indiquem uma distância curta. Simultaneamente, estes sinais estão também relacionados com os quatro níveis atrás referidos, por exemplo, com o modal, mostrando o envolvimento do falante, a sua atitude e sentimentos relativamente ao conteúdo do enunciado que verbaliza, e com o nível de alternância de vez, indicando, por exemplo, que o indivíduo, como falante, vai continuar a representar esse papel por mais algum tempo: é natural que, ao chamar a atenção para o que está a ser dito, mostre que o que vai dizer é importante e mantém os parceiros atentos.

Independentemente da função/das funções que possam desempenhar, os gestos apresentam propriedades formais que, por si só, podem sugerir, de um modo mais ou menos explícito, certas características semânticas de objectos ou outras instâncias concretas, de movimentos e acções, de ideias abstractas e de localizações no espaço. Embora as questões funcionais da comunicação verbal e da não-verbal sejam de extrema importância, neste trabalho pretendo sobretudo realçar aspectos que se prendem com critérios semânticos dos gestos, que por sua vez, não podem ser analisados sem aquele que o produz nem independentemente do contexto interaccional.

Neste sentido, é sobre o plano semântico que me pretendo centrar, dando sobretudo atenção à relação entre as ideias contidas na mensagem (e em certas palavras e expressões) e os significados

expressos pelos gestos. Aí, atender-se-á também às informações que os gestos fornecem relativamente a fenómenos cognitivos, a aspectos do nível conceptual, ligados ao momento de criação linguístico-imagística de uma ideia, ou seja, ao chamado **ponto de geração**¹. Por isso, interessa sobretudo averiguar como e em que medida os gestos reforçam e completam as informações transmitidas pela comunicação verbal.

2. A comunicação não-verbal

No que diz respeito à CNV, pode dizer-se, de um modo muito generalizado, que começou a ser investigada mais sistematicamente sobretudo a partir dos anos 50, no âmbito de estudos da área da Psicologia Social e da Psiquiatria na escola de Palo Alto com Bateson e Margaret Mead (cf. Kendon, 1990: 16-18). Nos anos 70 foi também considerada na Etologia Humana (cf. Eibl-Eisfeld, 1989). Ao longo de todas estas décadas tem vindo a ser estudada não só por psicólogos e sociólogos, mas também por antropólogos, etólogos, e, só muito recentemente também por (alguns) linguistas. Por comunicação não-verbal (CNV) entende-se, na generalidade, as informações transmitidas através dos movimentos e posições de diversas partes do corpo. Foram estudadas as seguintes modalidades de comunicação não-verbal: o aspecto exterior, a proxémica, os movimentos da cabeça e do tronco, o olhar, os movimentos dos braços e das mãos, ou seja, os gestos, e a mímica (que inclui o sorriso, o riso, o erguer das sobrancelhas e os movimentos de muitos outros músculos faciais) (cf. entre muitos outros, Ekman/Friesen, 1969, e Argyle, 1975,1980). Os tipos de movimentos que, inicialmente, mereceram mais atenção foram a mímica (cf. Ekman, 1974, 1982), o olhar (Kendon, 1990) e os gestos (Efron, 1941 [1972], Ekman/Friesen, 1969; Kendon, 1980, 1983, 1993, 1999, 2004). Para estes últimos

desenvolveram-se, e continuam a desenvolver-se, tipologias de classificação semióticas e funcionais (cf. Ekman/Friesen, 1969; McNeill, 1992; Müller, 1998; Poggi, 2002).

De modo a facilitar o estudo dos diferentes movimentos do corpo, na maioria dos trabalhos atrás referidos, cada modalidade não-verbal foi isolada do seu contexto, ou seja, estudada independentemente dos movimentos realizados em simultâneo por outras partes do corpo. Por sua vez, a fala foi tomada em conta sobretudo com vista a detectar o modo como os gestos se sincronizavam com determinados elementos lexicais ou com determinados picos prosódicos (cf. Condon/Ogston, 1966, 1967; Dittman/Llewellyn, 1969; Dittman, 1972; Kendon, 1972; Duncan, 1972,1975). Estudos holísticos da fala e da comunicação não-verbal, isto é, aqueles que consideram todo o encadeamento dos enunciados e a prosódia e todas as modalidades não-verbais no contexto interaccional, assim como os enunciados e a CNV de todos os participantes da interacção, são muito raros. Como se pode imaginar, a necessidade de abarcar uma grande quantidade de sinais realizados em simultâneo e no desempenho de toda uma gama de polifunções implica um trabalho de análise muito complexo. No entanto, à medida que, na área da informática, vão sendo desenvolvidos programas de análise especificamente orientados para os movimentos do corpo, isso já se torna possível (cf. Rodrigues, 2003).

Não pretendo alargar-me muito sobre este tema, centrar-me-ei em seguida na tipologia dos gestos coverbais (os que acompanham a fala) de McNeill (1992), desenvolvida a partir da de Ekman/Friesen (1969), em que me fundamentei aqui para demonstrar o que os gestos podem significar.

3.1 Tipologia dos gestos de McNeill

De acordo com McNeill (1992), o gesto e a fala são produtos de um só processo de formação de enunciado que é simultaneamente imagístico e linguístico. Sendo o gesto uma manifestação de aspectos imagísticos da nossa actividade cognitiva, a sua análise pode informar sobre o modo como as ideias se encontram estruturadas a nível conceptual, isto é, sobre o modo como organizamos e damos uma estrutura às informações que apreendemos do mundo exterior. Por outras palavras, o gesto codifica informações importantes sobre as características conceptuais que estão na base de uma compreensão do mundo e que nem sempre se manifestam na língua². McNeill considerou os seguintes tipos de gestos:

1. **Gestos icónicos** - têm uma relação formal com o conteúdo semântico da fala. São símbolos que exibem significados de objectos e de acções. Coexistem com as palavras, mas são qualitativamente diferentes no que diz respeito à expressão do espaço, movimento e forma (cf. McNeill, 1992: 105 segs.). De grande importância nos gestos icónicos são as suas características cinéticas, ou seja, o modo como se apresentam os dedos, as palmas das mãos, etc. Estas podem ser comparadas com (por exemplo) as características semânticas dos verbos de movimento (entrar, sair, para baixo, para cima, etc.). Os gestos icónicos sugerem não só o que é importante para o falante, mas também um momento relevante (marcado através do gesto). Este tipo de gestos revela aspectos dos processos mentais dos falantes que não são articulados pela fala. São, então, os gestos icónicos que fornecem pormenores importantes para a interpretação dos elementos lexicais a que se referem. Por exemplo, a verbalização do enunciado "*e depois liga-se a máquina*" tanto pode ser acompanhada por um gesto

de carregar num botão, como um gesto de puxar por uma alavanca, ou um gesto de girar um manípulo. Por sua vez, as posições ocupadas pelo tronco, cabeça e pernas podem contribuir com mais informações sobre outros pormenores dessa tarefa de “ligar”. Por outras palavras, os gestos icónicos dão indicações sobre qualidades de objectos como a forma, o tamanho e a massa. Também em narrativas orais os gestos icónicos mostram a posição do falante num determinado lugar, mesmo sob o ponto de vista fictício – ele pode ser o actor ou o observador. Eles dão indicações sobre qualidades de objectos como a forma, o tamanho ou outras características físicas.

2. **Gestos metafóricos** – são o reflexo de uma abstracção. O conteúdo é uma ideia abstracta, mais do que um objecto concreto, um evento ou um lugar (ibid., 14-15). À semelhança da metáfora (cf. Lakoff/Johnson, 1980; Lakoff, 1987)³, criam uma correlação entre ideias abstractas e objectos do concreto. A diferença entre o gesto icónico e o metafórico reside no facto de a homologia criada pelo gesto icónico ser do mundo real, e a criada pelo gesto metafórico ser do mundo mental (cf. McNeill, ibid., 145). Por exemplo, no mundo abstracto, uma ideia, uma proposta, um conceito ou um princípio pode ser sugerido por um gesto que forma uma espécie de contentor; no mundo concreto o mesmo gesto sugere de facto um recipiente, um contentor, uma caixa.
3. **Gestos batuta** (*beats*) – são gestos que representam percursos curtos em movimentos rápidos e bifásicos. O seu valor semântico reside em indexar a palavra ou frase que acompanham como sendo significativa pelo seu conteúdo pragmático (e não pelo seu conteúdo semântico). Na narrativa servem para introduzir novas personagens, novos temas, para marcar a informação que forma a estrutura da acção que se

desenvolve ou para indicar as transições para outros níveis da narrativa (*ibid.*, 15). Além disso, servem para fazer reparações, marcando a palavra que serviu para corrigir a antecedente (*ibid.*, 169). O valor semiótico do gesto batuta reside no facto de dar ênfase a um momento do discurso, destacando-o do discurso antecedente. Os gestos batuta são muito usados na retórica para enfatizar partes do discurso.

4. **Gestos dísticos** – são os gestos mostrativos que indicam objectos e eventos do mundo concreto ou fictício. Esse apontar realiza-se no espaço gestual (*ibid.*, 18). São tipicamente realizados pela mão, com o dedo indicador esticado, embora também possam ser efectuados por qualquer outra parte do corpo (cabeça, nariz, queixo) ou objecto (lápiz, pau, etc.). O significado do gesto depende do valor referencial que é atribuído ao espaço gestual seleccionado (*ibid.*, 80)⁴. O gesto de apontar também é direccional. Quando se aponta, não só se cria uma meta, mas também uma origem. De acordo com a orientação da linha traçada entre origem e meta, a origem pode estar localizada dentro do espaço do falante ou fora dele e é ainda definida em relação a terceiros (McNeill, 1992: 174)⁵.
5. Há ainda outro grupo de gestos que se relaciona mais com questões funcionais no discurso. São os **gestos coesivos** que servem para juntar, de acordo com o tema, partes do discurso que se encontram temporariamente separadas. Evidenciam simultaneamente a continuidade e a descontinuidade. A sua forma é ecléctica: podem ser realizados por gestos icónicos, metafóricos ou dísticos. A coesão gestual é assegurada pela repetição do mesmo gesto, do mesmo movimento ou localização do espaço gestual. A repetição do gesto implica continuidade (*ibid.*, 16-18). A manutenção da mesma forma gestual durante uma série de enunciados cria uma coesão entre

essas partes do discurso (ibid., 177). Por exemplo, sempre que se refere a um determinado conceito/objec-to/indivíduo, um falante pode localizá-lo no mesmo espaço gestual e fazer um gesto com características morfológicamente idênticas.

3.2 Movimentos que não se correlacionam com a fala

Falta ainda referir os gestos e movimentos do corpo que não são usados necessariamente para estruturar e apoiar a fala e que, por esse motivo, não foram considerados por McNeill. São os **gestos emblemáticos**, os **adaptadores** e as **ostentações de estados afectivos**.

Os primeiros consistem em gestos ou em conjuntos de movimentos ou em posturas cujo significado se encontra fortemente convencionalizado e que se podem facilmente traduzir por expressões verbais. Também podem ser acompanhados por verbalizações; no entanto, ao contrário de outros gestos coverbais, são, por si só, susceptíveis de transmitir a mensagem⁶. Um exemplo é o gesto correspondente à expressão "*ter dor de cotovelo*", ou a "*ser de trás da orelha*", ou o gesto mais recente, correspondente à interjeição "*daaahhh*".

Os adaptadores, dirigidos para o próprio ou para um objecto, são gestos inconscientes que apenas informam sobre estados de espírito do indivíduo, tiques, etc.

As ostentações de estados afectivos são posturas e movimentos que denunciam emoções e atitudes (alegria, tristeza, desprezo, distanciamento ou aproximação, simpatia, antipatia, etc.).

Os movimentos de locomoção ou de actividade física, ou quaisquer actividades que impliquem o manuseamento de objectos, aparelhagens, etc., são outros tipos de movimentação do corpo que não se referem à fala, mas que pode ser acompanhados por ela (se

um falante comentar verbalmente o modo de fazer alguma coisa enquanto a faz, a fala funciona como uma metalinguagem). Note-se que são estes gestos que reflectem hábitos físicos ligados a profissões.

3. Para quê investigar o que é óbvio?

Pode, agora, colocar-se a seguinte questão: por que razão se estudam todos estes movimentos se eles são facilmente descodificáveis e óbvios? Ao contrário do que acontece com a CNV, a CV (comunicação verbal), mais concretamente, o uso da língua (falada e escrita) sempre mereceu grande atenção. Foram elaboradas regras, baseadas numa língua padrão, que permitiram manter certa homogeneidade linguística dentro de uma comunidade. O sentido e a interpretação das mensagens pode sempre apoiar-se no conhecimento dessas regras. No que diz respeito ao canal não-verbal isso não aconteceu. Embora seja um meio de transporte de informações muitas vezes indispensáveis para completar a compreensão/descodificação de uma mensagem, não recebeu grande atenção por parte dos que investigaram a língua. Uma excepção é o estudo do gesto na retórica clássica, em que se aconselhava o uso de um ou de outro gesto no discurso, mas, em contrapartida, se atribuíam conotações negativas a uma gesticulação exagerada, por revelar não só falta de formação retórica, mas também falta de conhecimentos linguísticos (cf. Müller, 1998) Para o caso da CNV não existem regras de uso nem dicionários sobre os diferentes tipos e formas de movimentos, nem isso seria alguma vez possível e desejável. No entanto, parece-me viável elaborar uma sistematização de sinais não-verbais mais característicos no desempenho de vários tipos de funções, com propriedades formais específicas, por sua vez,

passíveis de serem classificadas como universais ou culturalmente determinadas.

Na verdade, a CNV que acompanha a fala pode diferir de cultura para cultura. Daí a necessidade de a estudar com mais profundidade e sistematicidade. Além disso, não nos devemos esquecer de que, actualmente, a informação é cada vez mais imediata. Está passar-se de um logocentrismo – de uma centralização sobre a palavra, de natureza linear, que exige mais tempo de descodificação –, para uma centralização sobre a imagem – de natureza holística e instantaneamente descodificável. Por isso, na minha opinião, é importante ter conhecimentos fundamentados e sistematizáveis sobre as informações que a CNV pode transmitir e não deixar que a sua interpretação fique apenas à reponsabilidade da intuição, mais difícil de comprovar e de explicar, nomeadamente em situações de comunicação intercultural.

4. O uso de gestos dísticos, icónicos e batuta

Resumindo, o recurso ao gesto para ilustrar as ideias contidas nos enunciados é uma estratégia típica da interacção face a face que, como vimos, permite transmitir a informação desejada, de um modo holístico e imediato, o mais rapidamente e com o menor esforço possível.

São sobretudo os gestos (e também outros movimentos do corpo) que acrescentam informações às que são dadas pelo canal verbal que são muito importantes nas descrições de aspectos ligados a tecnologias manuais – pois é aí que, tipicamente, um indivíduo se serve do próprio corpo para mostrar como faz alguma coisa, ilustrando de um modo holístico e imediato como usa um instrumento. Como já referi, dos seus movimentos são também dadas a conhecer certas características dos próprios instrumentos/

aparelhagens de que se serve (com se movem, o esforço humano que exigem, o seu tamanho, etc.).

Nos próximos parágrafos encontra-se uma descrição de três tipos de gestos: os dísticos, os icónicos e os batuta. Esta descrição foi feita com base num *corpus* muito reduzido, constituído apenas por algumas passagens do filme atrás referido (Costa, 2004), o que significa que nem todas as propriedades destes gestos puderam ser consideradas. De qualquer modo, as imagens recolhidas serviram para exemplificar as características mais típicas de cada um e, espero eu, para justificar a sua importância na transmissão da mensagem.

A transcrição que se segue corresponde à passagem do filme de onde foram também retiradas as imagens para exemplificar os gestos dísticos, icónicos e batuta. Os elementos da transcrição em negrito e numerados (ex: **aqui**₁, o número 1 refere-se à imagem 1) são os que correspondem às imagens do filme de que me servi para ilustrar os gestos.

TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA⁷

Gestos díticos (imagens 1-13) / Gestos icónicos (imagens 14-35)

- 01 A: isto **aqui**₁ é o canal d'água.
02 que ´vai **lá::di´reito**₂ à ´roda` -chama-la gente o rodísio.
03 que vai sair **daquele**₃ lado.
04 (0,794)₄
05 ´tem **ali**₅ um ´caixi`lho olhe.
06 ´tem ali um caixi´lho'
07 (0,627) `eh:::.. 6
08 ↑ e tem uma descarga **além**-₇ ↓ ´mais a`cima;
09 ↑`tira-se-`quando; ↑`quando -a gente na quer=
10 ↑ preque ↓ qu'ele tá::
11 (0,227) `a ↑`descan´sar`que não`tra`balha'
12 (0,652) tira-se ali o caixilho?
13 - a água passa pr'**além**-₈
14 e este mete-se es`tes -dois aqui;
15 -tem um **além**-₉
16 (0,517)que ´tem doi` - dois-casais de ´mós?
17 `tem dois -canais=**aqui**-₁₀ e -s'aparelham um ´do`outro;
18 (1,435) pois.
19 (1,435) me`tiamos-lh=**aqui**₁₁ ↑`um ↑´caixilho?
20 -e ela `para-se`logo;
21 `´não`tem=´água?
22 B: mas pró pôr a andar.
23 A: ah;
24 -é a mesma ↑´**coi`sa**; 14
25 **-tira-se**₁₅₊₁₆ do **caixilho**-₁₇
26 (0,277) ↑`tira-se;
27 (0,210) -a água-´ (0,654) -começa:: - ↓-a:
28 ↓ **entra**₁₈₊₁₉=**aqui**₂₀ pelo **ca´nale**?₂₁

- 29 (0,831) ↓ `to´ca₂₂₊₂₃=a:::: rodazinha₋₂₄ quele tem ali₋₁₃ em
baixo um ro´dí`zio?
- 30 ↓ -chama a gente o ro´di`zio?
- 31 (0,602) bate₂₅₊₂₆ lá no ro₂₇´dízio? ₂₈₊₂₉
- 32 fazem₃₀ `logo₃₁₊₃₂ `gi´rar; ₃₃₊₃₄₊₃₅

Gestos batuta (imagens 36-50)

- (...)
- 33 A: -tratavam ₃₆₊₃₇ de ↓ `sea::ras; ₃₈₊₃₉
- 34 (0,508) pois?-tratavam -de ´searas₄₀ quando era de
ver´ão'₄₁
- 35 (0,361) criavam₄₂ (0,513) ´mi`lho; ₄₃
- 36 depois eh um₄₄ ´tinha vinte alqu´eires; ₄₅
- 37 outro₄₆ tinha trinta; ₄₇
- 38 outros₄₈ eh alguns₄₉ `a´té (0,496) `tinham -um-
moio₅₀ ´de::le?
- 39 (0,192) `de´pois `dei´xa`vam -ali-aquele grão
- 40 recolhiam- aquele `grão ↓ `todo ´pra casa?
- 41 (0,339) `e´`iem -dali-(0,623)-tirando-`todas se´´ma`nas ´um
´alqueire=´ou ´dois'
- 42 sigundo e conforme o o pessoal ti´nha ↓ ´co`mer;

5.1. GESTOS DÍCTICOS



1 aqui



2 lá direito



3 daquele



4 ((vira-se))



5 ali



6 eh::



7 além



8 além



além



aqui



aqui



entra aqui



ali em baixo

Filme 1

As imagens das páginas anteriores representam situações em que um falante indica vários lugares do espaço interaccional. Os gestos que faz têm as características típicas dos gestos dísticos: braço esticado, indicador esticado, resto dos dedos recolhidos, indicador orientado para o ponto que o falante quer localizar. A realização destes gestos acompanha a verbalização dos advérbios de lugar *além*, *ali*, *lá*, *aqui*, acompanhados de outros que especificam a localização (*em baixo*, *direito*), e do pronome demonstrativo *daquele*.

A partir destas imagens pode-se verificar, como seria de esperar, o entendimento do falante relativamente aos elementos verbais que servem para indicar o ponto do espaço interaccional que está mais afastado dele, o que está mais afastado dele e do ouvinte,

o que está mais perto dele e afastado (ou não) do ouvinte, o que está mais acima e o que está mais abaixo⁸.

- **aqui** (imagens 1, 11, 12) localiza lugares mais próximos do falante e do ouvinte (o falante olha com frequência para o ouvinte, na imagem 13 está orientado para ele).
- **além** (imagens 7, 8, 9) localiza lugares mais afastados do falante e do ouvinte e situados a um nível superior ao do falante.
- **lá** direito (imagem 2) – usado na expressão “*vai lá direito à roda*”, indica um lugar afastado do falante, mas mais perto do ouvinte.
- **ali** (imagem 13, 15) – localiza lugares um pouco afastado do falante, um situado a um nível inferior ao do falante, outro, a um nível superior ao do falante, mas mais próximo dele do que os lugares indicados pelo advérbio *além*.

É interessante constatar a escala de distâncias que o falante estabelece entre o *além* e o *ali*. Pode-se assim concluir que o estudo dos localizadores adverbiais numa situação de interacção natural e espontânea, que considere também os gestos que os acompanham, pode contribuir com informações muito importantes sobre o funcionamento do sistema dos localizadores verbais. O estudo destes elementos a partir de um *corpus* mais abrangente permitirá obviamente tirar mais conclusões sobre o funcionamento do sistema dos localizadores do português, um fenómeno linguístico que difere muito de sistema de língua para sistema de língua e que pode reflectir diferentes necessidades culturais. Note-se que outra questão a considerar em trabalhos deste tipo é o modo como um falante pode exteriorizar a sua subjectividade relativamente a um objecto ou lugar. Tendencialmente, localizará tudo aquilo que quer ver mais

afastado de si por meio de um advérbio de lugar como *ali*, *lá* ou *acolá/ além*.

5.2. GESTOS ICÓNICOS



14 coisa



15 ti-



16 -ra-se



17 caixilho



18 en-



19 -tra



20 aqui



21 canal



14 coisa



15 ti-



16 -ra-se



17 caixilho



18 en-



19 -tra



20 aqui



21 canal



Filme 2

A verbalização de certos elementos que significam acções/actividades são acompanhadas por gestos, cujas características morfológicas ilustram o modo como essas acções e actividades se processam.

- **tira-se** (imagens 14-17) – a verbalização destes elementos verbais é acompanhada por um gesto com uma pequena trajectória que representa no espaço o modo como se tira o caixilho, ou seja, a orientação e a duração do movimento envolvido na acção de tirar (da frente para trás, de baixo para cima).
- **entra no canal** (imagens 18-21) – a verbalização de “entra” é acompanhada por um gesto que mostra o modo

como a água entra no canal. Embora a forma da mão seja correspondente também a um gesto dítico (temos aqui um caso de polifuncionalidade), a orientação da sua trajectória mostra não só como a água entra no canal, mas também dá a ideia de um canal com água a passar.

- **toca** (imagens 22-23)– um movimento curto do braço mostrando que a água toca com certa inclinação no rodízio. O falante corrige-se a seguir, usando a forma verbal **bate**. Simultaneamente, a outra mão move-se, faz um gesto que não se identifica por não ter sido filmado e, em seguida, representa o movimento de rotação do rodízio.
- **rodízio / fazem logo girar** (imagens 27-35) – uma unidade gestual formada por vários movimentos circulares da mão que mostram a orientação do movimento de rotação do rodízio.

5.3. GESTOS BATUTA



36 tra-



37 -tavem



38 sea-



39 -ras



40 searas



41 verão



42 criavam



43 milho



44 um



45 vinte al-



46 outro



47 trinta



48 outro



49 alguns



50 um moi

Filme 3

Cada elemento verbal que o falante pretende enfatizar é acompanhado por um gesto de maior amplitude. Geralmente a palavra ou os elementos verbais sincronizados com a fase de maior amplitude do gesto também se encontram marcados por uma alteração das suas características prosódicas (uma maior intensidade de voz, uma subida de altura de tom ou prolongamento de sílabas). Gesto e prosódia marcam um ritmo no discurso, enfatizando certas

partes. Isso acontece com frequência em contagens, como é o caso deste exemplo.

As imagens 38+39 e 43 correspondem respectivamente à verbalização de *searas* e de *milho*, dois elementos importantes no discurso do falante. O mesmo acontece com as palavras *vinte alqueires* (imagem 45), *trinta* (imagem 47), *um moio* (imagem 50) e outros elementos verbais que marcam diferentes sujeitos - *um* (imagem 44), *outro* (imagem 46) *outro* (imagem 48) e *alguns* (imagem 49). O falante marcou os elementos verbais importantes através de gestos. Infelizmente, em alguns destes casos, os gestos que se podem adivinhar pelos movimentos da cabeça e dos ombros do falante, não foram completamente filmados.

5.4. Os gestos na descrição de uma tarefa: o picar da mó

As imagens que se seguem foram retiradas de outra passagem do mesmo filme (Costa, 2004). Aqui o moleiro explica por palavras e na ausência dos objectos, como se desmonta uma mó para poder picar a pedra e melhorar a sua capacidade de moer. O falante recorre a uma grande quantidade de gestos que exemplificam diversos movimentos: o meter da alavanca, o empurrar da mó, o percurso da mó para o chão, a posição em que esta fica; outros gestos são usados para descrever a posição em que a mó se encontra e mostrar que existe uma por cima e outra por baixo; outro movimento representa a actividade de picar a mó. Como se pode ver a partir das imagens 51-76, grande parte dos movimentos do corpo que acompanham esta descrição não foi filmada. Ao ficarem escondidas informações importantes sobre o modo como esta tarefa se processa, esta descrição dificilmente será compreendida por aqueles que a desconhecem e pretendem ser informados – na realidade, o público-alvo deste filme.

Num outro filme (Viana, 2003) esta mesma tarefa é executada por dois indivíduos. Naturalmente que a execução concreta da tarefa é o melhor modo de a explicar. As imagens 77-80 mostram com que instrumento se levanta a pedra da mó, assim como os movimentos necessários e o esforço físico exigido para o fazer, e a actividade de picar a pedra. Esta última, por sua vez, é acompanhada por um discurso que não constitui uma metalinguagem explicativa sobre a própria actividade, mas sim uma justificação, um tipo de comentário à parte, da razão pela qual se pica a pedra. A explicação da actividade torna-se desnecessária.

TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA (imagens 51-76)

- 01 A: tão a ´gente' -a pe?
02 ↓eh: a: ↑´pedra `anda ali a trabalhar;
03 ´mas a ´gen' -**desmonta-la**₅₁₊₅₂ de cima -
04 `**com**₅₃ `umas **alavancas**; ₅₄
05 (0,535)`dpois; (0,327) ´**tiramos-i-a?** ₅₅
06 eh: ´vem **em -cima duns**-₅₆ ´duns **rolozinhos'**₅₆
07 (0,391) a `ro´lar? ₅₇
08 (0,275) `chega `a de cima- ₅₈
09 (0,687)-tá u´ma`por`baixo'₆₀ e outra- por`ci´ma'₆₁
10 (0,510) pois;
11 (0,408) ´eh `eh.
12 ↑`a de ↑cima;₆₂ -´des`´ce-₆₃
13 (0,442) -pra `qui -**pró pé** ₆₄ do no-
14 ↓-desce a`ssim-
15 ↓eh ´vem `a´ssim'₆₅ (0,567) a a:: ro´lar?₆₆
16 ↓`depois- -chega `aqui-
17 -**descai**₆₇ pra ´baixo? `fica empinada;
18 ↑`a gente; eh::-temos uma **alavan`ca**:::.₆₈
19 -assim ´grossa?
20 (0,544) -**põe-se**₆₈ no bu´raco `que ela ´tem₆₉ no
 ´meio?
21 (0,578) e- ´viramos-i-a=assim ´encostada ?
22 ↓-e ₇₁ -e `picamos-i-a;₇₂
23 (0,408) como.
24 ↑ porque `ela ´**andando**-₇₃ muito tempo a-
25 (0,619)-a moere -a -fazere ´**farinha?**₇₄
26 (0,382) ↓´a-rrasa; ₇₅



51 des-



52 -monta



53 com



54 alavancas



55 tiramos-i-a



56 em cima de uns



57 rolozinhos



58 a rolar



59 a de cima



60 por baixo



61 por cima



62 a de cima



63 desce



64 prò pé



65 vem assim



66 a rolar



67 descai



68 alavanca



69 põe-se



70 tem



71 e



72 pi-



73 -ca



74 andando



75 farinha



76 arrasa



77



78



79



80

Filme 4

Filme 5

6. Observações finais

Posso confessar que só depois de ver o segundo filme pude compreender a explicação do primeiro. Foi esta a razão que me levou a fazer este trabalho. Tendo vindo a interessar-me, cada vez mais, pela área da CNV numa perspectiva linguística, senti-me na obrigação de chamar a atenção de colegas de outras áreas de investigação para a necessidade de não deixar escapar nenhuma informação que possa ser dada através dos movimentos do corpo, sobretudo no caso de descrições verbais de uma actividade.

Porque, quero ainda salientar, além de fornecerem informações importantes no plano do conteúdo, ou seja, relacionadas com o que é descrito por palavras, os movimentos do corpo também são uma

manifestação da identidade cultural de uma comunidade linguística: eles revelam um modo de interagir típico de uma cultura, com determinados gestos, posturas, movimentos da cabeça, orientação do olhar para o parceiro da interacção, mímica e proxémica. Embora estejam sujeitos a idiosincrasias, movimentos típicos de cada indivíduo, há características formais que se podem detectar como mais generalizadas dentro da mesma cultura⁹. Importantes são também os gestos emblemáticos, que reflectem tradições culturais e relações interculturais ao longo da história dos povos (como “ser de trás da orelha” ou “ter dor de cotovelo”, cuja motivação já se perdeu). Ocultar todos estes movimentos, sobretudo no caso específico dos filmes etnográficos, em que deverão ficar registados, no caso deste exemplo, não só os moinhos e o seu funcionamento, mas também os próprios moleiros, é esconder um tipo de informação que deve ser recolhida, pois também faz parte do património imaterial de uma cultura.

Referências:

- ARGYLE, Michael (1988) [1975] - *Bodily communication*. London : Methuen.
- CARVALHO, José Herculano de (1976) - Systems of deictics in Portuguese. In SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen, ed. - *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam : North Holland Publishing Company. p. 245-266.
- CONDON, William S.; OGSTON, William D. (1966) - Sound film analysis of normal and pathological behavior patterns. *Journal of Nervous and Mental Disease*. 143. 338-347.
- CONDON, William S.; OGSTON, William D. (1967) - A Segmentation of behavior. *Journal of Psychiatric Research*. 221-235.
- DITTMAN, Allen T. (1972) - The Body movement-speech rhythm relationship as a cue to speech encoding. In SIEGMAN, Aron Wolf; POPE, Benjamin, ed. - *Studies in dyadic communication*. New York : Pergamon Press. p. 135-150.
- DITTMAN, Allen T.; LLEWELLYN, L. G. (1969) - Body movement and speech rhythm in social conversation. *Journal of Personality and Social Psychology*. 11. 98-106.
- DUNCAN, Starkey Jr. (1972) - Some signals and rules for taking speaking turns in conversation. *Journal of Personality and Social Psychology*. 23. 283-292.
- DUNCAN, Starkey Jr. (1975) - Interaction units during speaking turns in dyadic face-to-face conversation. In KENDON, Adam; HARRIS, Richard M.; KEY, Mary Ritchie, ed. - *Organization of behavior in face-to-face interaction*. Den Haag : Mouton. p. 199-213.
- DUNCAN, Starkey Jr. (1982) - Methods for measuring facial action. In EKMAN, Paul; SCHERER, Klaus, ed. - *Handbook of methods in*

- nonverbal behavior research : studies in emotion and social interaction*. Cambridge : Cambridge University Press. p. 45-90.
- DUNCAN, Starkey Jr.; FRIESEN, Wallace (1969) - The Repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding. *Semiotica*. 1:1. 49-98.
- DUNCAN, Starkey Jr.; FRIESEN, Wallace (1972) - Hand movements. *Journal of Communication*. 22. 353-374.
- EFRON, David (1972) [1941] - *Gesture, race and culture*. The Hague : Mouton.
- EIBL-EISFELD, Irenäus (1989) - *Human ethology*. Berlin : Mouton; Walter de Gruyter.
- EKMAN, Paul (1974) [1972] - Similarities and differences between cultures in expressive movements. In WEITZ, Shirley, ed. - *Nonverbal communication*. New York : Oxford University Press. p. 20-33.
- GOLDIN-MEADOW, Susan (2003) - *Hearing gesture : how hands help us think*. Cambridge : The Belknap Press of Harvard University Press.
- KENDON, Adam (1972) - Some relationships between body motion and speech: an analysis of an example. In SIEGMAN, Aaron; POPE, Benjamin, ed. - *Studies in dyadic communication*. New York : Pergamon. p. 177-210.
- KENDON, Adam (1980) - Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. In KEY, Mary Ritchie, ed. - *The Relationship of verbal and nonverbal communication*. The Hague : Mouton. p. 208-227.
- KENDON, Adam (1983) - Gesture and speech: how they interact. In WIENEMANN, J. M.; HARRISON, R. P., ed. - *Nonverbal interaction*. London : Sage. p. 13-45.

- KENDON, Adam (1990) - *Conducting interaction : patterns of behavior in focussed encounters*. Cambridge : Cambridge University Press.
- KENDON, Adam (1993) - Human gesture. In INGLOD, T.; GIBSON, K. R., ed. - *Tools, language and cognition in human evolution*. Cambridge : Cambridge University Press. p. 43-62.
- KENDON, Adam (1999) - *Implications of recent research on gesture and sign languages : for the gesture theory of language origins*. Paper presented at the annual Congress of the Language Origins Society, in <http://www.amsci.org/amsci/articles/99articles/corballis.html>.
- KENDON, Adam (2004) – *Gesture : visible action as utterance*. Cambridge : Cambridge University Press.
- LAKOFF, Georg (1987) - *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind?* Chicago : University of Chicago Press.
- LAKOFF, Georg; JOHNSON, Mark (1980) *Methaphors we live by*. Chicago : University of Chicago Press.
- MCNEILL, David (1992) - *Hand and mind*. Chicago : Chicago University Press.
- MÜLLER, Cornelia (1998) - *Redebegleitende gesten : Kulturgeschichte-Theorie-Sprachvergleich*. Berlin : Berlin Verlag Arno Spitz.
- POGGI, Isabella (2002) -From a typology of gestures to a procedure for gesture production. In WACHSMITH, I.; SOWA. T., ed. - *Gesture and sign language in human-computer interaction*. Heidelberg : Springer Verlag. p. 158-168.
- REDDY, M. (1993) - The Conduit metaphor : a case of frame conflict in our languages about language. In ORTONY, A., ed. - *Metaphor and thought*. Cambridge : Cambridge University Press. p. 284-324.

RODRIGUES, Isabel Galhano (1998) - Sinais conversacionais de alternância de vez. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tese de Mestrado.

RODRIGUES, Isabel Galhano (2003) - *Fala e movimentos do corpo na interação face a face. Estratégias de reparação e de (des)focalização na manutenção de vez.* Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tese de Doutoramento.

SELTING, Margret [et al.] (1998) - Gesprächsanalytisches transkriptionssystem (GAT). *Linguistische Berichte.* 173. 91-122.

Corpus – Filmes (DVD):

COSTA, Catarina Alves (2004) - *Moinhos da Ribeira da Margem.* Município de Gavião.

VIANA, Carlos Eduardo (2003) - *Contra a Corrente.* Viana do Castelo: Ao Norte.

¹ O **ponto de geração** de McNeill, 1992 (**growth point**) é a unidade mínima que tem as propriedades do todo, em que surge a ideia transportada pela fala e pelo gesto e que representa o ponto de partida para o enunciado: "The growth point is the speaker's minimal idea unit that can develop into a full utterance together with a gesture (ibid., 220). O conteúdo do PG é o elemento de pensamento que ressalta do contexto e pode ser o ponto de maior relevância; é uma unidade só, que une imagem, palavra e conteúdo pragmático (cf. Rodrigues, 2003: 74-75). Como tem propriedades de carácter distinto (imagísticas, linguísticas, idiossincráticas, sociais, globais, segmentadas, etc.) é instável. A observação do ponto de geração permite compreender a como a língua e o gesto se combinam e quais são as características dessa "idea unit" expressas verbal e não-verbalmente. Ou seja, quais são as propriedades da unidade que são transmitidas através da fala e quais são transmitidas através do gesto e se haverá alguma razão para diferentes referências.

² Características conceptuais são por exemplo a noção de movimento, de orientação, de percurso, de tamanho, tempo e espaço, do indivíduo na sua relação com os outros e com os objectos do mundo envolvente. Por exemplo, há línguas em que a noção de orientação vem tipicamente expressa no verbo, a noção de modo nos advérbios. Como refere Goldin-Meadow (2003: 21), "English and Turkish represent two classes of languages differing in how they encode path [...] and

manner [...]. English is a satellite-framed language, which means that path is encoded in a satellite to the verb ("rolls *down*"); manner is encoded in the verb itself ("rolls *down*"). [...] In contrast, Turkish is a verb-framed language. Path is encoded in the main verb ("yuvarianarak *iniyor*" = *descends* rolling), and manner is encoded in a subordinate verb that can be separated from the main verb ("yuvarianarak *iniyor*" = *descends* *rolling*). Experiências realizadas comprovaram que, de acordo com estes padrões, "English speakers prefer manner + path gestures (for example, the hand moves down while at the same time rotating); Turkish speakers prefer separate gestures for manner (for example, the hand rotates in place without moving down) and path (for example, the hand moves down without rotating). Once again, differences in speech are mirrored by differences in gesture".

³ O funcionamento da metáfora foi explicado através da metáfora de conduta (*conduit metaphor*): um contentor, que pode conter uma substância que passa para um recipiente através de uma conduta (Reddy, 1993). Estas imagens de contentores, substâncias e condutas estão implícitas não só nas palavras, mas também nos gestos metafóricos, em que as mãos são colocadas de forma a evocar essa imagem.

⁴ McNeill refere também um apontar abstracto, um gesto em que o falante parece indicar um espaço vazio, que não se encontra vazio, mas cheio de significado conceptual. É uma deixis *am Phantasma* (cf. Bühler, 1965: 123), que implica o uso metafórico do espaço em que se dá uma forma espacial aos conceitos.

⁵ McNeill distingue ainda áreas do espaço gestual em que os diferentes tipos de gestos são preferencialmente realizados: a área centro-centro é geralmente ocupada pelos gestos icónicos; os metafóricos realizam-se na área correspondente ao centro inferior, os dísticos, na periferia e os batuta, em vários pontos, sobretudo no centro e na periferia inferiores (ibid., 90).

⁶ A pantomima já se encontra a um nível diferente dos gestos emblemáticos. Não está convencionalizada de modo a substituir enunciados; é composta por movimentos criados no momento, que incorporam muitas vezes gestos de carácter emblemático.

⁷ Segundo o sistema de transcrição GAT (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*), Selting *et al.*, 1998.

⁸ Note-se que o sistema de localização do português é complexo porque considera três localizações diferentes: uma próxima do falante e afastada ou não do ouvinte, outra próxima do ouvinte e afastada do falante, e outra afastada do falante e do ouvinte – *aqui, aí, ali*. Estas localizações não são fixas, pois ainda estão sujeitas à subjectividade do falante (cf. Carvalho, J.H. (1976) .

⁹ Müller (1998) comparou os gestos de alemães e os gestos de espanhóis e concluiu que o vértice do ângulo da trajectória dos gestos dos espanhóis se localiza nos ombros, enquanto o vértice da trajectória dos gestos dos alemães se localiza nos cotovelos.